



UÁQUIRI

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia

UÁQUIRI - PPGGEO, v. 1, n. 1, p. 130-159, ano 2019.

Home page: <https://periodicos.ufac.br/revista/index.php/Uaquiri>



ISSN impresso: 1806-0218, ISSN online: XXXX - XXX

RIO MACAUÃ: VIAGEM AOS CONFINS DO RIO DAS MIL E UMA CURVAS (Relato de experiência)

Silvio Simione da silva^{1,2*}

¹Professor Doutor da Universidade Federal do Acre, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio Branco, Acre, Brasil; ²Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia, Rio Branco, Acre, Brasil.

*ssimione@gmail.com

Publicado em 2003, v.1, n.1, p.133-164. Republicado em dezembro de 019

DOI:

RESUMO

Neste artigo relatamos uma viagem de estudo às FLONAS Macauã e São Francisco, no município de Sena Madureira, no estado do Acre, realizada no final de março de 2002. Aqui apresentamos uma descrição sobre o trajeto, ora expressando a emoção, ora analisando o significado das situações vivenciadas num olhar geográfico sobre esta realidade. Assim, descrevemos aspectos físicos naturais da região e situações que denotam a reprodução socioespacial humana do lugar, numa reflexão científica sobre os pontos estudados. No conjunto também demonstramos a possibilidade de aprendizado a partir de uma “viagem de estudo” na Geografia.

Palavras-chave: Amazônia. Floresta. Rio. Reprodução camponesa. Metodologia de estudo. Análise geográfica.

MACAUÃ RIVER: TRIP OUT TO THE THOUSAND-AND-ONE-BEND RIVER (EXPERIENCE REPORT)

ABSTRACT

In this article we describe a field trip to the Macauã and São Francisco National Forests in the municipality of Sena Madureira, state of Acre, taken at the end of March, 2002. Here there is a description of the route, at times expressing the emotion, and other times analysing the meaning of the situations we lived under a geographical look into this reality. Thus, we describe natural physical aspects of the region and situations that indicate the human socio-spatial reproduction of the place in a scientific reflection on the points studied. Finally, in its entirety, the text demonstrates the possibilities of learning from a “study trip” in Geography.

Keywords: Amazonia. Forest. River. Peasant reproduction. Study Methodology. Geographical Analysis.

RIO MACAUÃ: VIAJE AL RÍO DE MIL Y UNA BANDA (INFORME DE EXPERIENCIA)

RESUMEN

En este artículo informamos un viaje de estudio a FLONAS Macauã y San Francisco, en el municipio de Sena Madureira, en el estado de Acre, realizado a fines de marzo de 2002. Aquí presentamos una descripción de la ruta, a veces expresando emoción, a veces analizando el significado de las situaciones experimentadas en una mirada geográfica a esta realidad. Así, describimos aspectos físicos naturales de la región y situaciones que denotan la reproducción socioespacial humana del lugar, en una reflexión científica sobre los puntos estudiados. Juntos también demostramos la posibilidad de aprender de un "viaje de estudio" en geografía.

Palabras clave: Amazon Bosque Rio. Reproducción campesina. Metodología de estudio. Análisis geográfico.

1. CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE

Coça, coça , coça, puim

Pium, mucuim, carapanã, de noite, cedo, tarde de manhã, e quanto mais se roça, mais se coça mais se esfolia, meu Deus, essa agonia não tem fim!

Meus amigos, companheiros de batalha seringal dá vida mansa, mas tem algo que atrapalha. Não quero ser panema ao confessar esse desgosto, mas vejam minhas pernas, pés e mesmo o rosto (Música de Keilah Diniz, cantora acreana).

Neste artigo buscamos apresentar o relato do trabalho de campo que realizei junto com discentes e docente da Universidade Federal do Acre (UFAC) em viagem de estudo à Floresta Nacional (FLONA) do Macauã e São Francisco, no município de Sena Madureira, AC. (figura 01), no final de março de 2002. O objetivo da atividade era levantar informações preliminares sobre aspectos socioeconômicos e ambientais que permitisse a um dos membros da equipe obter dados que para fundamentar seu trabalho de monografia de conclusão do curso de Bacharelado em Geografia junto a UFAC. Eu, enquanto pesquisador, defini duas finalidades: ter conhecimento desta realidade que orientaria a referida aluna e, ao mesmo tempo, levantar material informativo sobre as organizações comunitárias que estão sendo formadas nestas áreas, como as associações de produtores familiares agroextrativistas. A possibilidade de escrever este artigo, somente surgiu no decorrer da viagem.

A equipe estava composta por sete pessoas sendo, duas alunas: Rosiane Silveira de Lima, acadêmica no curso de Bacharelado em Geografia – Campus de Rio Branco, Sainá Soares da Silva, acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia de Sena Madureira; dois

professores, sendo eu – Silvio Simione da Silva e Suilene Oliveira Maia, professora substituta – todos ligados ao Departamento de Geografia da UFAC; o barqueiro Davi, do IBAMA; e os guias Sr. Manuel e Sr. Antônio, ambos seringueiros moradores da área da FLONA Macauã. Em todas as etapas da referida atividade contamos com o pleno apoio do IBAMA, na pessoa do Tecnólogo Sebastião Santos da Silva (Tião), coordenador das FLONAS Macauã e São Francisco.

No âmbito geral deste artigo, devo salientar que foge a minha pretensão apresentar uma profunda reflexão científica sobre as questões vistas, pois quero primar mais pelo caráter informativo e descritivo da viagem e dos diversos aspectos aí observados. Estas reflexões foram feitas no referido trabalho monográfico.

2. VIAGEM PARA SENA MADUREIRA.

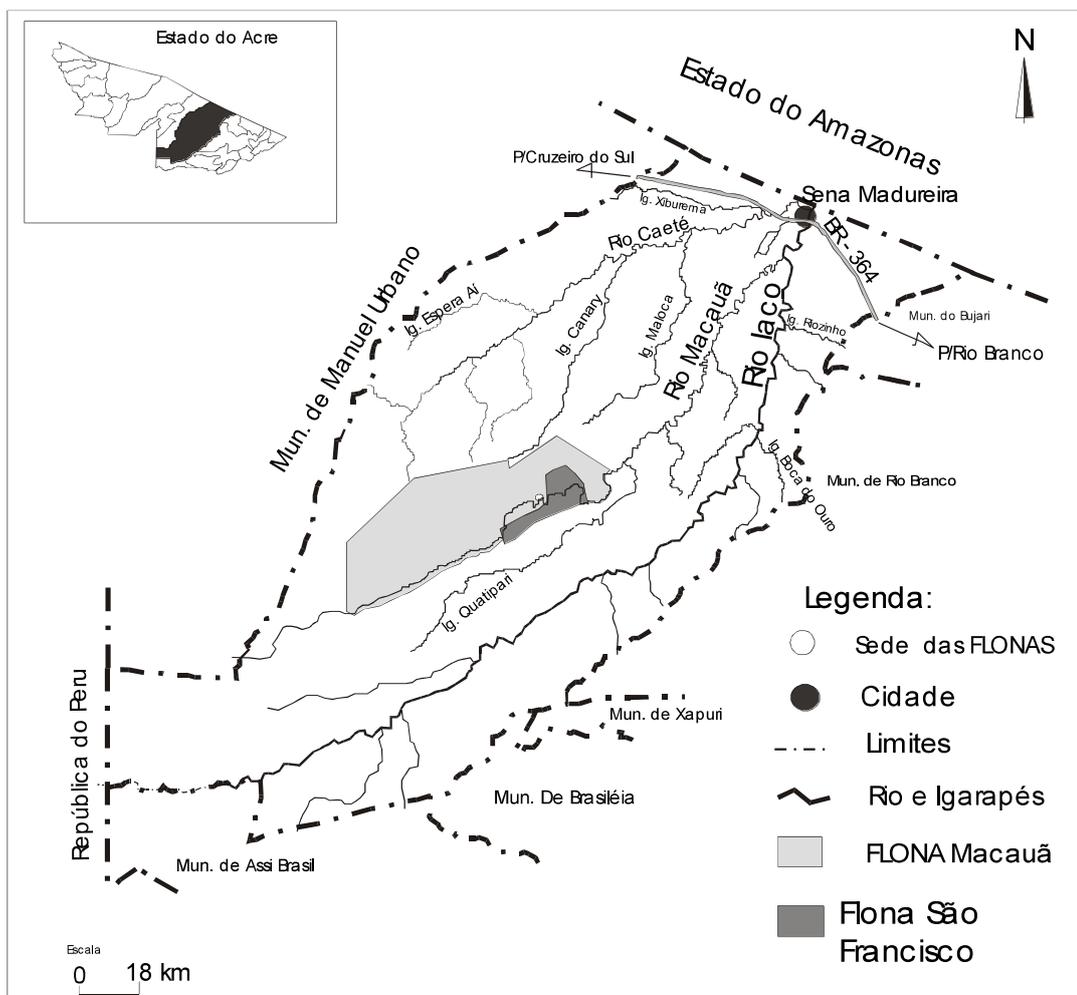
Ao final do dia 27 de março, saímos de Rio Branco com destino a Sena Madureira. Seriam 140 quilômetros a ser percorrido na BR-364, em trechos pavimentados, que apesar de grande parte apresentar péssimas condições de conservação, permite uma viagem tranquila de duas horas num táxi (que pode ser feita também por ônibus). A estrada é circundada por paisagens rurais tipicamente dominadas por pastagens de gramíneas plantadas, em solos de um relevo de colinas de altitudes modestas. A imponência da floresta aparece ao fundo da paisagem, o que no anoitecer se apresentava como uma faixa escura a barrar os reluzentes raios do sol que ao se pôr no horizonte, ia perdendo em sua luminosidade na sombria imensidão turva da mata. Em sua grande maioria, o uso deste solo, volta-se predominantemente para a criação bovina com práticas agropecuárias extensivas em propriedades de médio e grande porte. O cheiro do capim dá um aroma diferente e agradável à atmosfera local, isto no dizer dos pecuaristas locais é porque “pasto e boi exala cheiro de dinheiro”.

No decorrer a viagens conhecemos uma missionária da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, que se dirigia a uma missão no Alto Rio Iaco. Lá a Instituição mantém grupo de missionário que promove a evangelização da população ribeirinha e ao mesmo tempo desenvolve formas de produção agrícola de gêneros alimentícios, com a introdução de novas técnicas agro hortifrutigranjeira. A impressão que ficou foi de que se trata de ações de grande alcance social, em que se busca trabalhar o alimento do espírito, mas também da carne; afinal, tratam-se de seres humanos, “filhos de Deus” nos confins da floresta!

Por volta das dezenove horas chegamos a Sena Madureira, onde tomamos as providências finais para a viagem que se iniciaria no dia seguinte. Verificou-se o barco com o barqueiro, contatou-se com os participantes da viagem na cidade, compraram-se os víveres que faltavam, e por final, a noite nos reunimos com coordenador das FLONAS Macauã e São Francisco (figura 01), que nos passou algumas informações, fez alguns esclarecimentos sobre o projeto do IBAMA (política do Governo Federal) para estas áreas, fornecendo-nos materiais informativos. Assinamos alguns documentos que nos dava a permissão para tal atividade e estava tudo pronto.

Após isto, pernoitamos na cidade na residência de familiares de uma das acadêmicas, onde gozamos da boa hospitalidade da família acreana.

Figura 15 - Mapa: Sena Madureira, AC. FLONAS Macauã e São Francisco.



3. DEFINIÇÕES DE TERMOS

Na conversa que tivemos com o coordenador das unidades de conservação que iríamos visitar, “o Tião do IBAMA”, como já mencionamos, tiramos algumas dúvidas e começamos a nos habituar a certos termos que para nós eram ainda poucos conhecidos. Neste sentido, entendo ser importantes esclarecer algumas definições quanto ao sistema político de conservação da natureza definido pelos órgãos federais que atuam na área ambiental, no caso Ministério do Meio Ambiente (MMA) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), que poderão ser mencionando no decorrer deste trabalho.

Em 18 de julho de 2000, o Governo Federal através da Lei 9.985, instituiu o Sistema Nacional de Conservação da Natureza (SNUC). Com isto estabeleciam-se os critérios e normatizações para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação. Unidades de Conservação é definida como um espaço territorial de conservação da natureza. Ao ser delimitada, cabe a instância pública criadora, fomentar formas de gestão deste território como foi definido da referida lei. O território destas unidades deve ser entendido como o espaço em sua integralidade de recursos naturais existente, ou seja, com suas águas, sua flora e sua fauna (BRASIL, 2000).

As unidades de conservação que fazem parte do SNUC, conforme BRASIL (2000), são caracterizadas em dois grupos específicos:

- Unidades de Proteção Integral, que se caracterizam como territórios voltados especialmente para preservar a natureza. Aí os recursos destes espaços somente terão uso indireto, como em pesquisa científicas e visitação com objetivos educacionais. Neste grupo estão as estações ecológicas, reservas biológicas, parques nacionais, monumentos naturais e refúgios de vida silvestre.
- As Unidades de Uso Sustentável, que podem ser definidas como espaços territoriais de conservação da natureza, ou seja, territórios em que se busca compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais. O uso, aí vai além da pesquisa e visitação, chegando até às formas de exploração de seus recursos naturais. Neste grupo estão as áreas de proteção ambientais, as áreas de relevantes interesses ecológicos, as florestas nacionais, as reservas extrativistas, as

reservas da fauna, reservas de desenvolvimento sustentável e reservas particulares do patrimônio natural.

Para nosso trabalho, aqui nos interessa especificamente as Florestas Nacionais (FLONAS). As florestas nacionais, portanto, são áreas territoriais com cobertura florestal predominante nativa que tem como objetivo o uso múltiplo sustentável dos recursos naturais e a pesquisa científica. Nestes casos, passam a ser espaços para aplicação de formas de explorações sustentáveis de florestais nativas, como campo de experimento tanto por instituições de pesquisa (universidades, IBAMA etc.), como por outros que obterem permissão junto aos órgãos responsáveis e ao Plano de Manejo e Uso do espaço desta unidade de conservação.

As FLONAS são de posse do domínio público, sendo admitida a permanência de populações tradicionais que habitavam estes espaços anterior a criação, desde que estejam de acordo com os regulamentos e plano de manejo da unidade. Visitação pública é permitida e a pesquisa é incentivada, mas ambos condicionada a autorização prévia do órgão competente, que no nosso caso, foi o IBAMA. Esta categoria de unidade de conservação pode também ser criada pelo Estado ou Município sendo estes casos, denominados de conformidade com a instância criadora.

Com estas definições, agora podemos iniciar o relato da viagem, tendo clareza das dimensões espaciais e territoriais as quais iremos referir no corpo descritivo e analítico deste trabalho.

4. VIAGEM PARA AS FLONAS

a. Subindo o Rio Iaco:

No dia 28 de março nossa jornada se iniciou de manhã, às 06:00 h. em Sena Madureira. Após efetuar a aquisição de alguns mosquiteiros (cortinados adaptados para redes) no comércio local, dirigimo-nos a um ponto nas vertentes do rio Iaco, rio que banha esta cidade, numa área que constituí um porto natural. Estávamos vendo o rio da cidade. A areia e as rochas argilosas que formam o terreno marginal, as águas lamacentas e a correnteza do rio, dão-nos boas-vindas ao ambiente que nos espera. Muitas pessoas já estão trabalhando, carregando e descarregando os barcos que navegarão o rio a jusante ou a montante da cidade levando víveres para serem

comercializados com a população ribeirinha e, pessoas que vieram a cidade (a “rua” com dizem no lugar) fazer compras. O forte cheiro de “barro” exalado da lama que se forma nas margens do rio, se mistura ao odor forte do suor dos carregadores e transeuntes que por aí trafegam e trabalham.

O Coordenador das FLONAS já estava a nossa espera, juntamente com o barqueiro que nos conduziria, com um senhor que iria a trabalho (na construção de um barco) e, uma senhora que procurava de alguém que levasse uma correspondência a seus familiares. O Coordenador deu as últimas “instruções” e apresentou-nos a senhora que o acompanhava, dona Boneca e, mais o trabalhador viajaria conosco. Então passaram nos ajudar a embarcar nossas bagagens numa pequena “voadeira” (barco leve a motor).

Em conversa com dona Boneca, foi possível ter uma ideia do ambiente social que nos esperava: pessoas simples, trabalhadoras, que no interior da floresta encontra sentido a suas vidas com valores que para nós, citadinos, são coisas do passado. O Coordenador das FLONAS nos apresentou esta senhora dizendo: – “Esta é dona Boneca, ela é a proprietária de uma das colocações que vocês irão visitar; é um dos lugares mais bonito de toda a FLONA Macauã, ela o marido e os filhos trabalham com lavoura de subsistência e extrativismo vegetal”. Cumprimentamos dona Boneca e, nisto alguém da equipe perguntou a ela quantos filhos tinha. Ela respondeu: – “Doze filhos”. Nossa admiração foi geral, pois a trabalhadora ainda é uma mulher com menos de 45 anos, morena clara, bem “conservada” para alguém que enfrenta a difícil vida de morar nestes confins da ocupação humana da Floresta Amazônica. Aí se perguntou: – “Nossa! Mas doze filhos é demais? A senhora não acha?” Dona boneca respondeu de forma categórica, e dentro dos valores socioculturais que cercam seu universo: – “Que nada! Muito nada. Quando espalho todos no roçado, ainda falta é muito! Poderia ter mais”. Com estes argumentos, dona Boneca demonstrava que ter muitos filhos responde na realidade, a necessidade de braços para o trabalho, no tocante a forma de exploração da terra que fazem. Isto relacionando a outros raciocínios que iríamos ver nos dias seguintes nos mostraram uma lógica de vida e valores que presa pela autonomia de conservar “o que é bom” – e ter muitos filhos para eles, é bom. Aí reside uma lógica que entendo ser própria de uma reprodução camponesa, nestes confins da floresta.

Estando tudo pronto, despedimo-nos das pessoas no porto, adentramos ao espaço do barco e iniciamos a viagem que perduraria por volta de 8 horas subindo o rio Iaco e depois o Macauã, até a sede das FLONAS, na colocação de nome Santa Rosa. Passávamos agora do rio, ver a cidade. Vê-se então a cidade nas duas margens do rio, a margem esquerda está a sede do

município, com o comércio e a vida econômica mais ativa, a margem direita, isolada do restante da cidade por via terrestre urbana, estão os bairros chamados “Niterói e São Francisco”, lugar de extrema pobreza, mas com um povo que no seu sorriso e cordialidade expressam o calor de pessoas que apesar das dificuldades conseguem sorrir; e assim, sorriem para a vida.

No plano visual, a paisagem vista do rio com os velhos casarões contrastando com novos prédios comerciais, é testemunha do passado de uma cidade que nasceu de frente para o rio, como a maioria das cidades amazônicas e, agora nega este passado e vira a costa para ele. Os novos prédios voltam-se para a “terra firme”, o rio é espaço pretérito, depósito dos restos que a sociedade urbana produz e joga em suas margens, é canal de esgoto que “Deus na sua infinita” bondade deixou para nós usarmos e abusarmos dele. Em algumas áreas, as serrarias e o comércio (em pequenos casebres de madeira), agora se edificam nos barrancos do rio, porém somente pela localização e pelo preço do solo urbano. Do barco se vê apenas fundo das edificações em palafitas e o lixo produzido que é jogando no rio.

Saindo da área próxima ao centro, no trecho urbano que margina o canal do rio, a maior parte das vertentes esquerdas são ocupadas, sobretudo no leito maior do rio, por barracos de madeiras que se dependuram nos barrancos como se fosse cair a qualquer momento. São populações paupérrimas que não encontrando lugar para morar em áreas mais nobres, este espaço é o que lhes restam na cidade, habitando e se reproduzindo nas fedentinas destas áreas marginais. Se os “barrancos” (vertentes) do rio são vistos como lugar para jogar o lixo, aí também a sociedade joga estas pessoas como se fossem “seus lixos sociais”. Todavia, isto não é algo apenas deste município, é a realidade da grande maioria das cidades amazônicas.

Assim, o rio que um dia um estudioso da Amazônia disse que “comandava a vida”, sofre do desmando de seus ex-comandados. Aparece como negação da vida para a cidade, espaço que não desperta cuidado, coisa do passado, pois a tese de que era a via do progresso caiu na hora que a estrada chegou. Agora a estrada comanda as trilhas da vida desta e de outras cidades amazônicas. Nisto, a ponte sobre o rio Iaco, aparecia imponente como um gigante de ferro que briga com o rio, mas é marca que a estrada já o ultrapassou. A quantidade de árvores encalhadas (balseiros) em seus pilares demonstra a força das águas na “briga” com a edificação da obra humana que ali construída.

Após passar a ponte, o forte cheiro de borracha atestava que estávamos próximo da Usina de Borracha Chico Mendes, que é uma cooperativa que visa beneficiar a borracha produzida a fim de agregar maior valor ao produto e viabilizar a políticas de revitalização desta

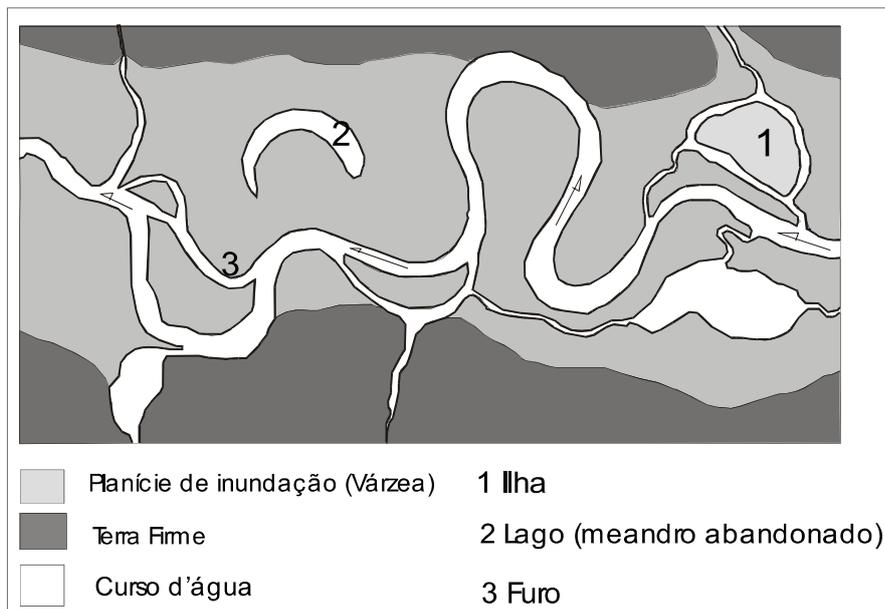
atividade na Amazônia-acreana. Aqui a indústria não joga lixo no rio – isto é fantástico! Mas o cheiro forte da borracha ainda incomoda bastante.

Sáimos da cidade e agora a paisagem é tipicamente rural. Inicialmente pouco se difere da que vimos margeando a rodovia: pastagem e criação de gado bovino ao alto das vertentes, a partir do leito maior do rio. A visão do rio agora é um grande curso d'água circundado por “paredões” de rochas sedimentares argilosas, intercalados por áreas rebaixadas, mais arenosas, com patamares crescentes em forma de escadarias, o que testemunha os constantes movimentos de massas que se dão no plano geomorfológico da evolução do relevo local. As praias fluviais, apesar da vazante não ter se completado, já começavam a aparecer. A vegetação é formada por alguns tipos de capins nativos que se desenvolvem sazonalmente nos períodos de vazantes, e por uma mata ciliar com formações arbustivas de árvores de rara beleza. Infelizmente, os pedaços de plásticos, papéis, garrafas de vidros que vimos presos nas vegetações, demonstram o efeito nefasto inconsequente de ação humana que irresponsavelmente, teimam em jogar seus restos no rio.

O rio Iaco é um rio de “água branca” (barrentas ou lamacentas) e o seu afluente Macauã é um rio de “água clara”, aplicando a classificação de Harald SIOLI (1985). Seus percursos se caracterizam pelo desenho meandrante que serpenteia pela floresta, multiplicando por muito qualquer distância que se pretenda percorrer. Mesmo assim, constitui em parte do ano a única via de transporte para a população que habita suas margens. A formação de lagos (meandros abandonados), a indefinição de canais e os furos (mais no Macauã) demonstram que na dinâmica da geomorfologia fluvial local, estes são processos evolutivos de um rio jovem numa área de formação sedimentar (Figura 02).

À medida que subíamos o rio, a paisagem rural modifica-se e as formações de florestas “virgens” passam a ocupar também estas áreas circundantes. Além dos barrancos e praias, há extensões de formação de árvores de imbaúbas, palmeiras e até algumas árvores de portes maiores como o mulateiros, seringueiras etc., passam a ocupar desde terrenos mais baixos sujeitos a alagações em períodos de cheias, até áreas de terras firmes. Um pouco mais adiante, no plano mais elevado do relevo, pode-se observar a presença de árvores de grandes portes que já ocupam as áreas de terras firmes, aí aparecem também castanheiras, seringueiras, cedros, mognos, cumarus, cerejeiras etc.

Figura 16 - Representação da geomorfologia local, adaptado conforme observações nos rios Iaco e Macauã, 2002.



A fauna regional já se mostra com alguns tracajás (espécies de quelônios, típicos desta região da Amazônia) e pequenos jacarés que ficam a “tomar banho de sol” em troncos de árvores ribeirinhas e nas praias fluviais que já começavam a aparecer, respectivamente. Também, a diversidade de pássaros faz suas cantaroladas nas matas e nos dão a impressão de que uma orquestra receptiva que nos aguardava.

As áreas residenciais de trabalhadores ribeirinhos abrem clareiras ao longo do percurso do Iaco, aparecendo às formações de pastagem e casas onde vivem seus moradores. São lavradores, extrativistas e criadores de gado bovino e animais de pequenos portes, que atuam nestes sistemas de produção sob base de trabalho familiar. Partes destas famílias são de trabalhadores que optaram para que a esposa e filhos mais novos fossem residir na cidade (em busca de acesso a educação que no lugar tem grandes limitações), mas que o chefe de famílias e os filhos mais velhos ficam trabalhando nas terras para garantir o sustento. Outra parte é formada por trabalhadores que cuidam de terrenos de proprietários que vivem na cidade, são lotes de proprietários absenteístas, que ora semi-exploram as áreas extensivamente, ora apenas as têm como um local para as folgas de fins de semanas ou, ainda a espera de valorização da terra para vendê-la por melhores preços. Na maioria destes casos, trata-se de especulação com a terra, porém não é grilagem. A propriedade ou posse fundiária se formou em áreas de extensões poucas consideráveis para a região e, quase sempre, são heranças de famílias que nas

décadas passadas migraram para a cidade e construíram vida urbana, mas que algum membro familiar ficou no local, portanto não se abandonou o direito sobre a terra familiar.

Assim, percorrendo esta paisagem ribeirinha, por duas horas, chegamos a “boca do Macauã” (a foz do Macauã no Iaco). A área de frente, na margem oposta do rio Iaco é bastante desnata (margem direita), com formação de pastagem. À primeira vista do rio é de como se estivéssemos vendo uma grande estrada que adentrava a florestas. A força vigorosa do Macauã briga com o Iaco, mas aos poucos a diferença da coloração da água logo é vencida, e tudo se torna um só corpo d’água em sua caminhada rumo ao Amazonas.

b. Subindo o Rio Macauã:

Entramos no Macauã e já se podia observar o maior domínio das florestas. Nas margens, aparecem com mais intensidades as vegetações de gramíneas e arbustivas. Nos bancos de areias, a fauna mostra seus habitantes que habitualmente ficam observando a passagem dos viajantes barulhentos: Tracajás, jacarés, capivaras, macacos, pássaros e borboletas multicoloridas, em que qualquer de nossos “movimentos suspeitos” quebra sua paz que nos parece ser contagiante. Chuva e sol se intercalam em trechos percorridos de meia em meia hora e, aí ficamos à mercê do revezamento de frio e calor constante. As poucas paradas se tornavam necessárias para “esticar o corpo” ou fazer nossas necessidades fisiológicas. Deparávamos então, com a lama das margens que sob o disfarce de bancos de areias, obrigava-nos a atolar parte de nossas pernas para se chegar a terra firme. Assim, seguimos rio acima em busca de alcançar as FLONAS Macauã e São Francisco.

Logo após o longo trecho reto de entrada, começavam o predomínio das curvas no trajeto. A demonstração que se tem agora é de um rio que sua geomorfologia se apresenta meandrante, com constantes furos num insistente trabalho em que tenta endireitar seu leito, parecendo querer encurtar o caminho para chegar para seu destino final. A morfologia do terreno vista do canal fluvial se apresenta cheia de indefinições por se tratar de formação recentes. Cada furo ao se transformar em canal – paraná-mirim, começa a dar base a formação de um novo trajeto ao rio e deixa, paralela, parte do antigo leito abandonado, por onde se inicia a consolidação da formação de lagoas – lagos de meandros abandonados (formato de ferradura), típicos destas formações de rios que percorrem áreas de planícies sedimentares, como nesta parte da Amazônia. Nos períodos de vazantes do rio, estes lagos se desligam do curso fluvial e passam a serem ambientes lacustres propícios para a reprodução de vários tipos de vidas aquáticas em águas semi-paradas. Nestes ambientes, a vida aquática se reproduz

abundantemente, pois funcionam como viveiros naturais para peixes, anfíbios e outras espécies de vida. O desenvolvimento intenso da flora aquática de fitoplâncton que desempenham papéis fundamentais na cadeia alimentar local produz também massas de sedimentos de origem vegetal que se deposita anualmente no fundo dos lagos, isto em conjunto com o processo de deposição de sedimentos trazidos pelas enchentes e pelo trabalho dos fatores erosivos nas vertentes promove constantes processos de transformação deste relevo, que em longo prazo conduzirá ao soterramento natural do leito lacustre. Estes são processos típicos destas formações geomorfológicas, que aí se pode notar.

Após três horas, a viagem já começava a ficar cansativa, bate-papos, piadas, brincadeiras, amenizam, mas não resolve. O tempo nos castiga com um sol escaldante acima de trinta graus, momentaneamente interrompido por “pancadas” de chuvas que diante do vento provocado pela velocidade de nossa embarcação, tornava-se extremamente frio. As capas e as lonas pouco resolviam a situação, procuramos então, proteger as bagagens para não molhar nossas roupas e instrumentos de trabalho. Já ao barqueiro nada podia interromper e as intempéries climáticas não mudavam seu ritmo de trabalho. Assim sob chuva ou sol, o barco continua em velocidade considerável.

Viajamos mais um pouco e chega a hora do almoço. Na impossibilidade de fazer comida, comemos as “merendas” que levamos prontas: bolachas, biscoitos, frutas e as tradicionais farofas de frango e de jabá. Esta foi uma das poucas paradas em que ancoramos a margem e deu para sair da posição que se ficava no período que estávamos viajando. Devoramos a comida como se fosse um banquete de muito requinte e em seguida recomeçamos a viagem.

Subindo o rio, as colocações (posses, locais de moradia e vivência dos seringueiros) situavam-se em média de uma a duas áreas de distância a percorrer uma para outra. Os primeiros contatos com os moradores locais se dão através do barulho do motor que ao passar desperta a atenção destes, e saem com toda a família para o alto das vertentes (barrancos) e ficam a observar nossa passagem. Lá de cima nos acenam e aguarda resposta dos cumprimentos. Nos rostos angelicais das crianças ou nas faces marcadas pela vida dura dos adultos, vem expressões que nos dá a sensação de estarmos recebendo “as boas vindas”.

Estes gestos dos moradores a buscar de saber o que está acontecendo no rio, demonstra a primeira mão, o conhecimento de que simbolicamente o rio ainda representa o caminho de entrada e saída no lugar, ou seja, é a via que possibilita o contato com o mundo exterior, é o principal meio de saber informações da cidade e do que acontece “lá fora”. Isto também traz

um significado de rompimento com o isolamento para quem vive nestes espaços longínquos. O tímido aceno que se dá ao passageiro é uma forma de demonstrar a possibilidade de interagir com o mundo que vem de fora para o seu. É o desafio de se ver diante do “novo” e buscá-lo conhecer, ora incorporando-o, ora negando-o; e nisto, são muito precavidos! Isso pode ser entendido, pois o “novo” que se apresenta poderá criar possibilidades de rompimento com a situação vigente gerando incertezas para estes sujeitos sociais. Isto é temeroso!

Para estes homens simples da mata, na realidade socioambiental que os cercam, parecem-nos que o rio, a florestas e os animais mais que comandar a vida, são partes de suas vidas. Todos se governam conjuntamente, homem e natureza, ambos se comandam e são comandados intrinsecamente ligados e, ambos participam das condições para sua existência equilibrada no espaço geográfico local. Assim homem-rio-floresta, juntos forma três forças que se ligam e se equilibram na vida local – aí também reside sentido para se viver. O “novo” traz mudanças, daí a precaução e não a negação.

Durante a viagem, nos troncos de árvores que despendiam das vertentes, os tracajás formavam pequenas comunidades a tomar sol. Alguns grupos ao ouvir o barulho do motor se jogam na água e interrompe seu “lazer”, mas continua a observar, às vezes de um pouco mais distantes. Agora os jacarés já começam a ser mais frequente nos bancos de areia. Já chegando as FLONAS, um belo exemplar de capivara nos observava do alto das vertentes do rio com certa desconfiança, porém parece não temer tanto a presença humana. Os peixes dão saltos no rio como se estivessem a fazer malabarismo, os pássaros ensaiam seus concertos com grandes variedades de sons e, muitos insetos nos rodeiam com seus zunidos estridentes como se estivessem festejando a chegadas de “sangue novo no pedaço”, como dizem os moradores locais. Nesta a atmosfera, a natureza se realiza plenamente mesmo diante da ocupação humana que se apresenta a décadas.

c. A chegada as FLONAS

Mais algumas horas de viagem e estávamos passando pelo seringal cachoeira, onde as edificações existentes ainda testemunham a funcionalidade do local que no passado se constituiu em sede administrativa desta unidade de produção extrativa, ou seja, era um barracão (sede do seringal). Após esta localidade entramos nas áreas das FLONAS Macauã e São Francisco que juntas forma um território contínuo (Cf. figura 01).

Avistamos a primeira clareira a margem do rio, era colocação de dona Boneca. Tratava-se de uma área de cinco ou seis hectares desmatadas com pastagem de gramas natural. Uma

barraca (casa simples coberta de palha ou madeira) que aparentava ser bastante aconchegante, com alguns pés de árvores frutíferas circundado indicavam o local da habitação familiar. Algumas cabeças de gado, de galinhas e patos, o pequeno roçado de macaxeira e outros tipos agriculturas de subsistência e um pequeno barco a remo ancorado no barranco do rio, dá-nos a certeza de que estamos entrando em um ambiente típico de territórios de reprodução familiar camponesa na floresta. Aportamos paralelos ao barco e o barqueiro chamou pelo morador. Saíram quatro crianças da casa e vieram em direção ao rio atender ao chamando. Eram crianças com menos de dez anos de idade. Perguntou-se pelo pai deles e este informou-nos de que este e os irmãos mais velhos estavam no roçado. Então, entregou-se a carta que a mãe lhes enviara e disse que ela mandava abraços para todos. As crianças subiram as ladeiras das vertentes e nós retomamos a viagem.

Mais duas horas navegando rio acima, passando curvas e mais curvas e chegamos a colocação São Sebastião, sede da Associação dos Moradores das FLONAS Macauã e São Francisco e Áreas de Entorno. Neste local também funciona uma escola um pequeno entreposto comercial (cantina) mantido pela associação. Três famílias residem aí: um casal de idosos e as famílias de dois filhos já casados. Um destes moradores, Sr. Admilson é o professor da escola e presidente da associação, o que o torna um líder comunitário bastante respeitado no local.

Nesta colocação ficaria o senhor que viajou conosco para trabalhar na construção do barco da associação dos produtores locais. Quando chegamos aí, encontramos ancorado um barco da Fundação Nacional da Saúde que fazia o levantamento socioeconômico na área. Fomos apresentados ao responsável pelo trabalho, que de imediato se prontificou a repassar as informações colhidas para nós, assim que estivessem retornados a Sena Madureira e sistematizando-as.

Ainda na proa do barco ancorado, o barqueiro solicitou a presença do presidente da associação para saber quem nos serviria de guia nos dias que permaneceríamos ali. Rapidamente Sr. Admilson apareceu e nos cumprimentou lá do alto do “barranco”, apresentando-nos o Sr. Manoel que nos guiaria na visita aos moradores das FLONAS. Sr. Manoel é um seringueiro, nascido e criado nesta região e, é vice-presidente da associação e residindo uma colocação após a sede das FLONAS.

Sr. Manoel entrou no barco por volta das 14:00 h. e seguimos viagem. A medida que subíamos o rio, aumentava as curvas e leito navegável estreitava, o que exigia mais habilidade de jovem barqueiro que nos conduzia. Passamos por mais quatro colocações e seguimos direto até a colocação Santa Rosa, onde está construída sede. Por volta das 16:30 horas sob forte

chuvisco aí aportamos. O barranco era alto e o lamaçal era considerável, subi-lo já era um desafio. Vagarosamente subimos com a bagagem. Estávamos todos molhados e exausto. A área era uma pequena clareira aberta num istmo de uma curva a margem esquerda, que nesta época do ano forma uma ilha, pois logo acima o rio “trabalha” na abertura de um novo canal – um “furo” que já forma um “braço do rio” e no futuro constituirá no novo leito do Macauã neste trecho. Era a dinâmica da formação do relevo fluvial que se colocava novamente a nossa frente fazendo lembrarmos das aulas de Geomorfologia. Na pequena clareira seis edificações se erguem, sendo: uma escola, cuja professora estava viajando para fazer treinamento, uma casa de máquinas onde fica o motor que fornece luz elétrica para os demais prédios, e mais quatro edificações em formato hexagonal, sendo uma cozinha, uma sala de reuniões e dois dormitórios equipados de vários armadores de rede. Todas as edificações estão construídas em madeiras impermeabilizadas com betume. O contraste do formato das construções, o preto da madeira impermeabilizada e o verde da floresta dão um “clima de exotismo” à paisagem local.

Ao chegarmos aí, pode-se notar que tínhamos “amigos” incansáveis a nos acariciar. Eram nuvens de insetos hematófagos – mosquitos de vários tamanhos. Os piores eram os minúsculos que à primeira vista sequer víamos – piuns e borrachudos que saem durante o dia quando o tempo está nublado, no alvorecer e no entardecer. Sentíamos sua ação silenciosa e incomoda, sugando nosso sangue e deixando marcas de centenas de pintinhas em nossos corpos como se fossemos todos sardos. Suas picadas são pequenas não doem tanto, mas coça, arde e queima muito. O uso de repelentes tem uma ação curta e após dez a quinze minutos os insetos voltam a atacar e continuam até o anoitecer. Então, por alguns minutos há uma aparente calma, mas é o momento que começa a sair os piuns e chegar os carapanãs (pernilongos) com sua musicalidade estridente em nossos ouvidos. Abelhas, muriçocas e marimbondos atuam o dia inteiro. As gesticulações, tapas e coçar a pele são movimentos sincrônicos para todos que mais parece estarmos numa aula de exercícios físicos. A calma só vem quando entramos debaixo dos mosquiteiros; mesmo assim, é possível que insetos de menores tamanhos consigam romper a “barreira” e se alimentar do “sangue novo”. Este era o ambiente que nos deparamos e nos desafiava a conhecê-lo melhor.

Ainda no percurso, Sr. Manoel avisou-nos que tínhamos outro companheiro nos trabalhos, era Sr. Antônio, seu sogro e também responsável por cuidar do ambiente da sede das FLONAS. Nesta conversa nos avisou que na noite anterior em Sena Madureira um filho do Sr. Antônio, havia sido assassinado numa briga, mas que não devíamos contar, pois temia a reação deste.

Uns trintas minutos após chegarmos a referida sede, chegou o Sr, Antônio, um caboclo moreno de 50 a 60 anos, acompanhado por uma jovem cabocla que era sua esposa. Muito alegres nos cumprimentaram e se colocaram as nossas inteiras disposições. Eles residiam próximo, numa colocação à margem direita, isto é, de frente a sede das FLONAS. Conversamos um pouco e, os dois guias e o barqueiro providenciaram água na caixa suspensa e então se pode começar a providenciar o jantar, tomar banho, armar as redes e mosquiteiros. Na rede sob o mosquiteiro tínhamos o refúgio – o lugar da paz, “livre dos mosquitos”.

A noite o Sr. Antônio e sua esposa retornaram para sua casa. Após o banho, o jantar estava pronto: farofa, arroz e feijoada em conserva. Jantamos, planejamos as atividades do dia seguinte e em seguida fomos dormir. O silêncio da natureza era rompido pelos sons de grilos, sapos e pequenos animais noturnos que cantarolavam nas matas próximas. Após acostumar, o som parece uma verdadeira a orquestra natural a embalar nosso sono, porém até chegar a isto pode ser verdadeiro atormento a um novato que desconheça esta realidade, pois na incerteza de quem o produz, não se sabe se o som provém de um dócil sapinho ou de uma temível onça. Assim, passou-se nossa primeira noite no Macauã.

i. Primeiro dia visita aos moradores locais

No dia 29 de março levantamos bem cedo, o tempo continuava muito chuvoso e os piuns pareciam mais calmos. Depois de cuidados higiênicos diários, tomamos café, providenciamos nossas farofas que seriam o almoço do dia, pois dado à distância era impossível voltar para uma refeição normal. Ainda muito cedo Sr. Antônio chegou com a esposa que ficaria no local fazendo limpeza dos prédios. Nós arrumamos, descemos as vertentes e agora com toda equipe no barco, iniciamos o trabalho com a subida do rio até a última colocação, pois como havíamos decidido, neste primeiro dia faríamos visitas a todas as colocações que estavam a montante de Santa Rosa e no segundo dia faríamos aquelas que estivessem a jusante.

Na viagem de subida, Sr. Antônio ainda estava inocente sobre a morte de seu filho. Após navegar uma hora mais ou menos, ouvimos barulho de outro motor que logo apareceu no final de uma curva do rio, era um senhor de mais de sessenta anos e um garoto que pilotava o barco (um casco comprido e estreito feito de madeira). Acenaram para nós pedindo que parecemos. Sr. Antônio disse: - “É Pedro meu irmão”. Paramos o barco no meio do rio, fomos apresentados ao Sr. Pedro e ao garoto que o acompanhava. Após cumprimentar todos Sr. Pedro convidou o irmão para que passasse para seu barco por um instante que tinha que lhe falar algo, o que foi feito de imediato. Sr. Pedro perguntou ao irmão se ele havia ouvido rádio no dia anterior. Sr.

Antônio informou ao irmão que não, pois seu rádio estava sem pilhas. Então Sr. Pedro disse: - “ontem estava passando uma mensagem para você e era uma notícia muito ruim!” Sr. Antônio indagou: - “Mas o que foi então?” - “Sinto muito meu irmão, você tem que ser forte, mas o caso é que mataram seu filho lá em Sena Madureira”. Sr. Antônio baixou a cabeça e por dois ou três minutos não disse nada. O silêncio pairava no lugar, parecia que até os animais respeitavam a dor daquele pai com o coração ferido. Em seguida ele se levantou no barco do irmão, retornou ao nosso barco e então disse: - “Mas ele tinha só dezenove anos! Eu sempre disse a ele para ficar aqui e trabalhar comigo, mas ele não me obedeceu. Queria ir é para a cidade!” Neste momento gotas de lágrimas escorreram pelo rosto sofrido do velho seringueiro que na sua amargura, arrancou palavras e gesto que mostrava a “fibra” de um homem da floresta: - “Mas, pessoal vou com vocês, é para isto que estou aqui”. E assim seguiu e nos dois dias seguintes e, em momento algum retornou ao assunto e, manteve-se prestativo e bem-humorado o tempo todo. Continuamos nossa subida, seguida agora pela embarcação do Sr. Pedro que nos acompanhou até sua colocação, aonde chegamos após uma hora de viagem.

O rio já apresentava seu leito navegável muito mais estreito, formando em alguns trechos, vários canais em meio a mata ciliar. A planície de inundação agora aparece imensa tomando longos trechos de floresta, o que prova se tratar de um “rio jovem”. As árvores caídas em seu leito dificultavam a navegação, o que sempre é contornado pela experiência do barqueiro e dos dois guias. A paisagem é muito bonita, grande planície inundada, os canais fluviais em meio da floresta alagada e ao fundo as florestas de bambus. Tudo dá um sentido exótico ao visual proporcionado.

Por volta das 09:30 horas chegamos a última colocação. Duas famílias de pequenos camponeses habitavam a duas cabanas ao alto de uma colina que se situava as margens direitas do rio, que segundo o morador, nesta época do ano está área torna-se uma ilha. Numa casa reside a senhora dona da colocação, uma mulher de pouco mais de quarenta anos, com três filhas bem jovens demonstrando exemplos da beleza mulher seringueira naqueles confins de mundo; na outra cabana residia o filho desta senhora, com sua esposa e dois filhos – duas lindas crianças muitas comunicativas, todos marcados pelas picadas dos piuns. A pele branca das pernas das crianças contrasta com a grande quantidade de pintinhas das ferroadas dos insetos. Por meia hora aproximadamente conversamos com o casal sobre informações de caráter socioeconômico. Estes nos informaram que o rio ainda era muito piscoso e que havia muitas piranhas, tucunarés, tambaqui, surubim e outros peixes; havia também muita caça e era um bom lugar para plantar, mas quase tudo o que faziam era para o próprio consumo, o excedente era

muito pequeno. O garoto fez questão de nos informar que sua mãe, a poucos dias, havia matado uma onça que vinha comer as galinhas e tentou invadir sua casa; falava e mostrava o couro do animal esticado na parede da pequena sala. Na verdade, está senhora agiu como forma de impedir que o felino entrasse em sua casa, numa noite em que estava só com as crianças, pois o marido havia viajado para a cidade.

O que podemos notar é que a consciência do uso racional da caça e pesca aí está bem difundida e assimilada pela comunidade. Estes sabem que se caçar e pescar apenas o necessário para seu consumo terá peixe e caça para sempre. Assim, após a conversa nos ofereceram um mucunzá (“canjica” de milho) ao leite de castanha, o que aceitamos e em seguida despedimo-nos e iniciamos a decida, agora passando por todas as colocações.

Ao todo visitamos neste dia sete colocações e nove famílias. Portanto, duas colocações tinham mais que uma família. Em cada residência se tomava um cafezinho, sendo que às vezes, as condições de higiene do local e dos moradores não eram muitas convidativas, o que tornava isto para aqueles que tinham um organismo mais sensível, uma tarefa um pouco difícil. Geralmente a segunda família da colocação era de um filho homem que se casou e fez uma casa próxima a habitação paterna. As filhas mulheres quando se casam geralmente acompanham seus maridos indo morar na colocação do pai do esposo que a recebe. Em todas as colocações tivemos produtivas conversas com estes sujeitos sociais que de forma muito prestativa, informaram-nos muito sobre suas condições de vida, suas perspectivas e sua luta cotidiana na floresta.

Todas as famílias visitadas com exceção do Sr. Pedro fizeram questão de salientar sua satisfação em morar na área e, que apesar das “dificuldades”, aí ainda era melhor que na “rua”. No caso do Sr. Pedro não chega ser uma insatisfação, mas uma limitação dada sua idade e suas condições de saúde. Sua colocação é indiscutivelmente a mais bonita e melhor apresentável de toda a FLONA Macauã, uma área grande formada em pastagem muita limpa, umas vinte cabeças de rezes (gado bovinos), muito patos e galinhas, porém este senhor já idoso e com a esposa também idosa moram sozinhos em seu lugar. Fazem seus trabalhos pagando para outros, uma vez que é aposentado, o que lhe garante recurso extra para tal fim. Contou-nos este casal, que nunca tiveram filhos, mas que haviam criado dois adotivos: – “Um, hoje, é guarda da Fundação Nacional da Saúde vive em Sena Madureira com sua família e o outro mora em Porto Velho (RO)”. Eles vivem bem lá e não querem mais saber daqui! Por isto tenho vontade de ir embora, mas não gosto da agitação da cidade.

O que causa preocupação no Sr. Pedro, ao que se pode entender, são as condições impostas agora com a incorporação de sua área pela FLONA Macauã, quando não tem “herdeiro” para deixar na terra. Conforme normas do uso da terra nesta área, o Governo Federal através do IBAMA reconhece o direito do morador sobre sua colocação, porém aqueles que quiserem sair receberão uma indenização do próprio Órgão Federal e esta área ficará incorporada plenamente ao território da FLONA, sem a presença de moradores. A partir desta transação ninguém jamais poderá voltar a ocupar como morador este lugar. Como também não se pode deixar sem morador, para este casal restam poucas opções: ficar mesmo com suas limitações etárias ou sair e perder tudo o que construiu numa vida de trabalho, recendo uma pequena indenização.

Nas conversas que tivemos, pode-se notar que todas as famílias perderam membros no constante processo de êxodo rural que ainda atinge várias regiões da Amazônia nas duas últimas décadas do século XX e no início do século atual (aqui ainda não houve o fim do êxodo rural como questionaram alguns estudiosos da questão).

Há certa confiança de que a vida está melhorando com a organização da associação e com a ação de apoio do IBAMA e órgãos estaduais, pois como dizem eles: – “É pela primeira vez vemos ações de pessoas do governo, sem ser para pedir votos”. Por outro lado, a situação torna-se ambígua quando falamos do futuro de vida, agora em território tomado pela Floresta Nacional: aí contrastam situações de desconforto e medo do que os esperam, com esta “satisfação” que referimos. Nisto eles sabem que essa nova situação poderá mexer profundamente com suas vidas, no seu espaço vivencial já produzido e consumado há décadas. Surgem, então, incertezas sobre o futuro que lhes esperam: ou a fixação definitiva em melhores condições de vida ou a fuga para a cidade?

Neste ritmo de trabalho, por volta das 15:00 h. estávamos chegando novamente a sede das FLONAS na colocação Santa Rosa. Por hoje bastava, tomamos banho e repousamos. Ao anoitecer foi possível jantar o arroz com feijão tão esperado. Neste dia 29 de março, sexta-feira santa e dia do meu aniversário (38 anos), minhas alunas e colega haviam levado um pequeno bolo e fizeram questão de cantar parabéns. Após isto fizemos uma breve avaliação e definimos as atividades do dia seguinte, inclusive de um convite do Sr. Admilson para irmos à festa de seu aniversário na sede da associação, o que ficou certo que após os trabalhos de sábado iríamos. Ficamos por mais algumas horas a contar piadas e ouvir histórias de Sr. Manoel em meio ao exercício constante de matar mosquito. Por volta das 22:00 h., o cansaço já nos convidava a buscar refúgio em baixo do mosquiteiro.

ii. Segundo dia de visita aos moradores locais.

No dia 30 de março, novamente levantamos cedo e após cumprir com os afazeres normais, a equipe já recomposta, recomeçamos o trabalho descendo o rio até a primeira colocação. Neste dia visitaríamos todas as famílias que residem a jusante de Santa Rosa.

Descemos aproximadamente duas horas e por volta das nove horas iniciamos a subida. Agora eram nove famílias em seis colocações, sendo que destas uma colocação era ocupada por duas famílias e outra por três, sempre tendo laços de filiação entre estas famílias; as demais colocações eram ocupadas por apenas uma família cada. O trabalho deste dia fora continuação do iniciado no dia anterior, agora visando atingir o total de famílias que habitam as FLONAS.

Eram visitas que perdurava em média meia hora. Apenas na colocação São Sebastião houve uma variação de tempo gasto na pesquisa, pois se tratava da sede da associação e nossa conversa com o Sr. Admilson foi mais demorada. Esta colocação é uma vasta clareira que deve ocupar mais que dez hectares de terra desmatada, com fruteiras diversas, cinco cabanas e um rebanho bovino de mais de trinta cabeças de rezes. A aparência é de que se trata das famílias mais abastadas do lugar.

Enquanto aguardava para a entrevista ao Sr. Admilson, conheci um morador local, Sr. Raimundo, seringueiro e migrante que nasceu no Rio Grande do Norte e havia chegado na área a mais de trinta anos atrás. Aí conheceu uma moça e casou-se. Disse-me ele: – Aí fiquei amarrado para sempre, hoje tenho filhos casados e netos aqui. Então o respondi fazendo alusão ao meu enlace matrimonial, de que “estas são as dóceis ‘amarras’ da Amazônia que nos pega”.

Em seguida comecei a entrevista ao Sr. Admilson. Este nos informou que a Associação dos Moradores das FLONAS Macauã e São Francisco e Áreas de Entorno é uma organização de trabalhadores rurais que está vinculada a COOPERIACO (Cooperativa de Pequenos Produtores do Rio Iaco) que é uma cooperativa de trabalhadores rurais do município de Sena Madureira com sede nesta cidade. Mostrou-nos o armazém com produtos de primeira necessidade e como se comercializa com a venda direto ao trabalhador, e quando possível aviando ao associado e recebendo com produção. Conforme nos informou, o barco que está sendo construído é de importância vital para escoar a produção da associação, uma vez que juntos, tem “muita coisa” a ser levado para a cidade e o tempo de navegação no rio em média não dura mais que cinco meses (quando o rio está cheio). Na vazante seu leito não é navegável.

Quanto a criação e implantação das FLONAS, demonstrou muito otimismo, uma vez que a sede projetada (Núcleo comunitário), a áreas de uso coletivo (Zona de Uso Comunitário) e a área de exploração madeireira ficarão muito próxima de sua colocação e da sede atual da

associação. Por final, informou-nos que sendo presidente da associação e professor, não tem tempo para trabalhar no roçado, por isto tem um trabalhador permanente (sem carteira assinada) e contrata diarista sempre que necessário. Este foi o único morador do Macauã em tais condições que fogem a uma típica reprodução camponesa.

Saindo desta colocação continuamos nossas visitas. A chuva recomeçava, mas o sol teimava a vir com seu calor castigante sobre nós aqui e acolá, mosquitos e lamaçal completavam o panorama. A realidade era a mesma: famílias pobres que buscam ganhar a vida em meio às dificuldades vividas sem deixar a terra, sem perder o direito de se autodecidir, sobretudo, para os chefes de famílias (alguns ainda bastante novos) que não querem nem pensar em sair da floresta. O passado, depois do barracão é lembrado como tempo de fome, pois mesmo tendo produtos para vender e às vezes até o dinheiro, não havia local para comprar.

No contexto da coletividade dos moradores, são pessoas de vida simples se fundamentam em ter o necessário para viver. Todos os trabalhadores não se cansam de salientar que “a melhor coisa que aconteceu” para eles foi a revitalização do preço da borracha (Lei Estadual Nº 1.277 – 13/03/1999 – Lei Chico Mendes), como medida política implementada pelo atual governo do estado do Acre. Um destes moradores, disse-nos que durante estes últimos anos, fora possível faturar R\$ 140,00 por mês vendendo borracha (num período de cinco a sete meses anual, ou seja, período de estiagem quando se faz a coleta). E reforçava: – Isto para vocês pode ser pouco, mas para nós é o suficiente para fazer a “feira” por uns seis meses (ora suas compras resumem-se apenas naquilo que não produzem como sal, açúcar, aguardente, óleo comestível, remédios, roupas, etc.). Um aspecto interessante para compreender o sentido de sua visão de mundo de sua reprodução socioespacial foi explicada por este morador, dizendo como isto era possível: – “A questão é que aqui nós somos diferentes dos que moram na cidade, na cidade se vive o luxo e esquece o bucho, aqui não. Nós enche o bucho e esquece o luxo”. Vimos que nesta frase este trabalhador nos mostra como sua lógica de reprodução é diferente da lógica de outros trabalhadores, sobretudo da cidade. Seus parâmetros para apreender as melhorias recebidas, são as situações de se alimentar e vestir bem melhor agora de que antes – eis aí o sentido de sua lógica que se pauta na fartura, contrária a lógica do proletário e do trabalhador capitalizado que vê estas situações no sentido da acumulação (ainda que representativa, como por exemplo: se vestir bem sem ter dinheiro, inclusive para se alimentar). Nisto também há raízes de uma reprodução campesina ribeirinha que se forma na floresta e que cada vez mais se vê diante da necessidade de se colocar ativamente frente ao mercado.

Assim por volta de 16:00 h., chegamos novamente a Santa Rosa, sob forte chuva. Tomamos um café quente e a chuva não parava. Uma situação interessante nos aconteceu na hora da avaliação quando sentei com as alunas e a professora para avaliarmos a atividade e decidir se iríamos ou não a festa do Sr. Admilson. Eu e mais uma aluna defendíamos que não fossemos, pois estava chovendo muito. A aluna Rosiane defendia a ida para a festa. O Sr. Manoel, debruçado sobre a viga da varanda da casa que estávamos um pouco distantes, ouvia nossas discussões. Rosiane começou a argumentar e disse: – “Olha, acho que irmos a festas é uma oportunidade de conhecer mais as pessoas daqui e de entrar em suas intimidades [...]”. Neste momento, Sr. Manoel nos olhou assustado e deu para perceber que tentava entender o porquê nós falávamos deles como se fossem “coisas” tão estranhas. E, além disso, o termo “entrar na intimidade tinha para ele outra conotação”. Diante da chuva acabamos forçadamente tendo que optar por não ir à festa. Ficamos e então, jantamos uma galinha caipira que gentilmente o Sr. Antônio e sua esposa nos ofereceram.

Depois, separados, somente com as estudantes e a professora, refletimos sobre o episódio e a forma que nós nos colocamos diante do “homem da floresta” não individualmente, mas enquanto grupo social e objeto de nossas pesquisas. Entendemos então que estes trabalhadores florestais são pessoas que no âmbito de sua reprodução socioespacial, vivem, sentem necessidades e se relaciona com o mundo um pouco diferente de nós, moradores da cidade. Porém sendo, pensando e vivendo a realidade de forma diferente, fazem isto por que são diferentes na conjuntura social que forma e vivem, localizando-se, mas não se alienando da realidade que é global. Daí concebê-los como parte ativa, pensante e formadora da realidade da qual também pertencemos e, então colocamos a nós e a eles como partes integrantes do sujeito e objeto da pesquisa em condições das perspectivas e ideais próprios que se entrecruzam na formação socioespacial em que vivemos.

No Plano de uma análise da formação socioespacial, pode-se compreender que a operacionalização da pesquisa era face da compreensão intrínseca do dia-a-dia de trabalho, lazer e vivência familiar. Nisto são pessoas como nós, nas suas expectativas de vida, no seu cotidiano social e em suas relações com seus espaços vivenciais. Isto num traçado processual dos movimentos pretéritos que produziram o espaço amazônico-acreano, todos nós cruzamos com esta realidade e somos produtos dela – a realidade produtiva do espaço agrário amazônico-acreano. Assim do ponto de vista metodológico para abordar estas questões, ou vemos esta realidade social como dimensão da qual também somos parte construtora dela, ou se presa por uma postura tentando vê-la de fora e analisando tudo como se fizesse parte de um ambiente

estranho para nós. Estes pontos surgiram para refletir a postura metodológica em que estávamos abordando e, isto somente foi possível, após a estranheza com que Sr. Manoel nos olhou e quando percebeu que falávamos deles de forma diferente. Assim, podemos discutir o equívoco que estávamos cometendo, acreditando estarmos inserido no mundo camponês local, apenas pela nossa presença e amizade com eles. Então compreendemos que esta inserção muito mais que o discurso é um processo de engajamento social e aprendizado na vida do pesquisador.

Novamente após o jantar sentamos fizemos uma avaliação de todo o trabalho, chegando a conclusão que tínhamos alcançado o objetivo da pesquisa. Ficamos a bater-papo, contar piadas e casos até por volta das vinte e duas horas. Aí, então se desligou o gerador de luz e fomos dormir. Era hora de descansar das andanças, das quedas nos barrancos escorregadios, das chuvas e do sol escaldante e, em especial dos borrachudos, piuns, muriçocas, abelhas e carapanãs que nessa tarde desse sábado estavam com uma “fome” voraz.

Acertamos que a saída de retorno para Sena Madureira, ficaria para o dia seguinte de manhã.

3. O RETORNO PARA SENA MADUREIRA

No domingo de manhã, após tomarmos café recolocamos nossas bagagens no barco e nos aprontamos para iniciar a viagem de retorno. O tempo estava ensolarado e a ameaça de chuva por enquanto estava fora de possibilidades. Sr. Antônio, e a esposa vieram para fechar o prédio e se despedir. Após as despedidas agradecemos ao casal pela hospitalidade e estes gentilmente, convidaram-nos que voltasse a visitá-los outras vezes, o que ainda pretendemos fazer. E então saímos. Sr. Manoel seguiu conosco até a sede da associação. Ao chegarmos em São Sebastião, ficamos sabendo que a senhora esposa do dono da colocação teve um princípio de infarto durante a festividade de aniversário de seu filho, mas já estava passando bem. Insistimos para que viajasse conosco para a cidade (as duas alunas foram até esta senhora), mas ela disse que não necessitava, pois havia tomado uns remédios caseiros e já estava bem e que está “situação era comum”. A tranquilidade que todos demonstravam, fez que percebêssemos que isto faz parte da vida deste povo. Os conhecimentos da mata proporcionam remédios que são muitos usados nestas horas de necessidades. Assim, na dureza do dia-a-dia destes sujeitos tenazes, até a doença só os retiram do seu lugar quando tem que saírem carregados.

Após se despedir da equipe Sr. Manoel desembarcou e seguimos nossa viagem de retorno. Os acenos de “tchau” dos moradores vinham do alto das vertentes do rio em cada

colocação que passávamos. Por volta das doze ou treze horas chegamos a “boca do Macauã” e entramos novamente em águas do Iaco. Olhando o encontro dos dois rios nos parecia mesmo um encruzamento de duas grandes estradas, cuja cobertura se deu com fina massa de pavimentação em material de requintada espessura e coloração feita pelo “criador”, cercada por imensos jardins. Assim, deixamos para traz as curvas do Macauã e seguimos duas horas a mais descendo os trechos mais retos do Iaco. Entre quinze e dezesseis horas, aportamos em Sena Madureira e estava encerrada a atividade.

Seria difícil agora dizer que chegamos de um paraíso perdido ou do inferno verde! Talvez um pouco de cada. Mas uma coisa ficou certa, tínhamos deixado para traz um mundo de gente que tem “sonhos” e “esperanças”. Pessoas que mesmo com os rigores da natureza local e com a distância, aí querem viver, pois este rio, este chão e esta floresta é o “seu pedaço” neste espaço brasileiro que “chamamos de Acre”.

Isto é apenas uma parte Amazônia que muito se fala e pouco se conhece.

4. REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS PARA DESENVOLVIMENTO O LOCAL

Como vimos, a situação dos camponeses ribeirinhos que habitam as áreas das FLONAS Macauã e São Francisco até o momento não difere muito da realidade de outros grupos campesinos, trabalhadores agroextrativistas amazônicos: trabalho familiar, fortes laços comunitários, valorização de sua autonomia, fortes vínculos de parentesco entre famílias locais, relações de domínio patriarcal, produção agrícola de subsistência com pequeno excedente para o comércio, produção extrativa mais voltada para a comercialização de que para a autossubsistência, pequena pecuária extensiva para a subsistência com pouco excedente para o comércio, relação de convívio e afetividade com o rio e a floresta enquanto espaço vital para sua existência e geração de valores socioculturais impregnados destes sentimentos. O que começa a diferenciar é em primeiro lugar a perspectiva de melhorias com a organização coletiva, uma vez que das dezoito famílias que habitam as FLONAS, dezessete estão associadas e apenas uma ainda não, e o motivo não é tanto por achar pouco importante a associação, mas sim por questões de outras ordens. Podemos então, notar que a conscientização surge da necessidade perante o isolamento que vive, mas também do trabalho precursor de agentes como o Padre Paulino Baldassari que começou a plantar “as sementes” desta organização a anos. Hoje recebem apoio também do IBAMA e da COOPERIACO.

Por outro lado, a criação das FLONAS Macauã e São Francisco que se territorializou sobre seus territórios de vivências (refiro-me às colocações, pois a área era território de antigos seringais, habitados por seringueiros, desapropriados para estes fins), suscita nos moradores locais duas situações contraditórias facilmente apreendidas nas conversas com eles:

- O sentimento de esperança e otimismo. Aí falam com entusiasmo da assistência na saúde, escola, na extensão rural, na estrada que esperam ter tráfego normal e se possível com veículo que faça a linha de transporte público até a cidade. E especialmente, de que com tais medidas, o governo finalmente lembrou de sua existência. Aí esperam transpor a situação de abandono e isolamento que sempre os caracterizaram.
- O sentimento de desconfiança e incerteza. As medidas que serão introduzidas com o plano de uso e manejo da terra nas FLONAS geram situações que estes desconhecem o que poderá vir acontecer. Há uma certa timidez de falar destas questões, pois temem por punições do poder público. Daí a extrema precaução em falar o que pensam sobre as políticas para a área.

A primeira situação se reverte em esperanças em melhorias, pois historicamente os seringueiros foram grupos sociais que sempre estiveram fora das políticas do governo (federal, estadual e municipal). Primeiro, a estrada do “remelexo” (seu trajeto é cheio de curva, pois corta sempre por áreas divisoras de águas), ligando por terra a área com a cidade de Sena Madureira permitirá que, apesar das dificuldades, estas famílias poderão escoar sua produção também no período de estiagem; segundo que com o IBAMA chegou a assistência técnica e, novos meios de transporte pelo rios para a comunidade começam a ser construídos; ademais, a possibilidade da construção do núcleo comunitário, com uma infra-estrutura básica desperta a expectativa de acesso a melhores condições de vida em padrões semi-urbanos; e por final, a política de subsídios a produção de borracha pago nos preços do produto ao produtor traz a chance de aumentar a renda familiar, e ver o valor que tem a floresta em pé. Em tudo isto surge o sentimento de satisfação de ser lembrado pelo poder público, embora já comecem a tomar consciência da importância de estarem organizados para garantir suas conquistas.

A segunda situação é gerada, sobretudo, com relação ao plano de manejo e uso da terra nas áreas das FLONAS. Quando perguntamos sobre o que achavam da criação das florestas nacionais no local, estes responderam que era algo bom, mas que não sabiam como funcionaria

direito, pois as colocações são muito distantes uma da outra e se a família vir morar no núcleo urbano terá que ficar distante do seu local de trabalho. Também outra questão que eles geralmente respondiam com muita precaução era sobre o uso de parte da área para a exploração madeireira como se prevê. De maneira geral, a satisfação com algumas melhorias é manifestada com interrogações que demonstra a incerteza do futuro que o espera. Nestes momentos as palavras não ditas ficam presas em gaguejos, resmungos e desculpas de que não sabem. São momentos que o silêncio, os gestos e expressões corporais falam por si só.

Diante de tudo isto, o que notamos é que é necessário que haja políticas voltadas para estes grupos sociais que acreditam na possibilidade de viver na terra e da terra (floresta). A criação destes tipos de áreas de conservação e preservação ambiental que se territorializa sobre espaços ocupados por populações tradicionais, entretanto, traz agravante, pois esta modalidade introduz planos de manejos que não admite quase nada das pretensões da população local. Já trazem propostas quase acabadas de manejos. O que ao nosso ver, torna-se esta modalidade, a longo e médio prazo, um tanto mais expropriatório de que as reservas extrativistas e os projetos de assentamentos extrativistas (RESEX e PAEs) que criam condições de manejo e uso da terra provindo de iniciativas autóctone. Daí serem estas modalidades as mais adequadas a áreas como esta.

Para entender a proposta de manejo da área, temos que a vê a partir da compreensão da lógica da reprodução do espaço agrário no país, numa economia capitalista que se globaliza. Sob esta visão as políticas de manejos propostas para as FLONAS nas áreas de unidades de conservação são viáveis, pois otimizam a preservação de uma parte considerável da vida natural como reserva a serem utilizadas apenas para fins de pesquisa científica e ecoturismo; possibilitam um plano de maior assistência a população que irão se aglomerar nos núcleos urbanos, viabilizando um projeto de agricultura comunitária nas áreas de uso coletivo e incentivando a silvicultura; e, define área de exploração do principal recurso natural – a madeira, por empresas capitalistas licitadas que se disponham fazer a extração desta matéria-prima “sem provocar grandes danos à natureza”. Nota-se então, que sob esta ótica aí, estaríamos gerando um “desenvolvimento” que dizem ser “sustentável”.

Tomando a ótica do contexto em que tais políticas foram geradas – o “novo rural brasileiro” e, o lado conflituoso destas situações, a primeira questão prognosticada é que tais modalidades de uso da floresta, não se sustentam nas expectativas criadas pela própria coletividade local ao longo de décadas de vida e lutas nestas áreas. Seus conhecimentos, suas tradições, suas crenças, seus modos de viver, sua produção econômica e política de seu espaço

social e territorial, somente são considerados quando se adequam ao que se prevê no plano de manejo (em que a maior parte das normas foram propostas pelos órgãos responsáveis). Assim, quase sempre o que é melhor é dito pelo “agente do governo” e não pela comunidade.

As zonas de exploração de ecoturismo e exploração madeireira irão gerar emprego, mas estas áreas não mais pertence a população local. O trabalho gerado é para operários na extração da madeira e nas serrarias ou de guia nas expedições de turistas e pesquisadores. Em ambas situações, o homem camponês trabalhador da floresta vai sendo recriado como o operário, sem sair ainda de seu espaço rural, de produtor vai se transformando em consumidor exclusivo e, de detentor de seus meios de produção passará a ser proletário e a vender a única mercadoria que lhe restou – sua própria de força-de-trabalho braçal. O núcleo comunitário será depositário desta mão-de-obra proletarizada, disponível na floresta.

As colocações serão respeitadas, mas as infra-estruturas serão implantadas apenas no núcleo comunitário e, para ter acesso, as famílias terão que deixar suas colocações e ocupar o espaço preparado para elas nesta “vila rural”. Aí terá luz, educação, saúde entre outros benefícios, mas na colocação não terão nada. Para uma família que tem sua colocação a quatro ou cinco horas do local referido, isto pode significar que o chefe da família terá que permanecer na colocação e a esposa e filhos ficarão no núcleo comunitário. Então para uma família ter acesso a estes benefícios, começa a destituir a unidade e cumplicidade familiar que fazem parte do sentido de companheirismo que reina no ambiente familiar destes camponeses florestais. Isto pode levar destruição do que há de mais sólido nestas sociedades campesinas da floresta – a unidade familiar. Aí então, está o germe de sua expropriação da área que tradicionalmente, tornou seu território de reprodução enquanto trabalhador familiar na floresta. Então, o argumento oficial é lógico, para não se submeter a tais processos, estes pais de famílias poderão fazer seus roçados nas áreas de uso coletivo que estará localizada próxima ao núcleo comunitário e ficar também, com a própria família, ou até se empregar com as oportunidades de empregos que irão surgir. Todavia, deve-se lembrar que isto significa deixar a colocação que é seu território de reprodução conquistado por anos de vida e luta.

Das situações acima citadas podemos concluir que tais medidas não atingem a comunidade de imediato, pois as primeiras ações são bem recebidas, dado o abandono que se encontram. Uma análise profunda e reflexiva da situação foge a compreensão local e o temor que vimos, brotam mais de uma postura própria que no seu universo simples e direto estes homens não gostam de andar na incerteza, de que de uma crítica ou rejeição. Isto não se pode negar que vimos e sentimos presentes.

A proposta da criação das FLONAS e as medidas de manejos são formas que se enquadram no Projeto do Novo Rural Brasileiro (SILVA, 1999) do Governo Federal (refiro-me a política de FHC) e o que está em jogo é a viabilização do uso do solo também da floresta, com manejos de recursos naturais ou uso agroflorestal sob propósitos capitalistas. Para isto, a comunidade local passa a ser vista mais como potencial de mão-de-obra a ser agilizada e preparada para exploração por empresas que atuarão na área, de que como geradora de iniciativa autóctone de desenvolvimento. Portanto, se houver desenvolvimento gerado nesta proposta de uso, certamente não estará sendo gerada sustentabilidade local para as populações.

Para concluir não queremos ficar somente nas críticas julgando, queremos ver além disto, os campos das possibilidades concretas que se podem realizar. Assim entendemos a importância da veemência da adoção de políticas para esta comunidade – aí reside o mérito da questão que é reforçado pelo empenho do órgão oficial responsável pelas FLONAS no município. Mas se quiser falar de uma sustentabilidade socioambiental local, tem-se que considerar expectativas das populações locais. Quebrar a estrutura produtiva da colocação é mexer no espaço produzido em que esta unidade de produção é a célula de toda a resistência do homem da floresta, aí se abala à unidade familiar e estes produtores ficarão expostos a toda possibilidade de expropriação.

Qualquer política agrária que visar a sustentabilidade de comunidades autóctone tem que considerar as condições em que se deu sua formação socioespacial. O primeiro ponto a considerar é que quem mais entende de floresta são seus próprios moradores, por isto temos que saber valorizar seus conhecimentos. Nós temos a oferecer orientações técnicas e reflexivas. Portanto, mais que dizer o que fazer para estes sujeitos sociais é preciso perguntar. A partir de então, busca-se fomentar formas de trazer benefícios para a coletividade em seu local, sensibilizá-los para a conscientização política e da conquista de cidadania, criar escola com curriculum e período escolar voltado para a realidade local, implantar postos de saúde, fortalecer vias e meios de circulação mais eficientes, incentivar a organização coletiva a partir de suas relações comunitárias já estabelecidas (por exemplo, comunidades bases, grupos evangélicos, delegacia sindical etc.), criar condições para que todas as explorações de recursos naturais locais sejam feitas por estas organizações locais e não por empresas externas, transformar residência de moradores locais em pontos de apoio para atividades de pesquisadores e turistas na área (cobrando para isto), valorizar os conhecimentos locais resgatando a medicina popular, as tradições folclóricas, as culinárias, o consumo de frutas silvestre etc. Enfim, nestas iniciativas o poder público teria que ser parceiro de apoio, os

executores devem ser a comunidade organizada. Se quiser falar de desenvolvimento com sustentabilidade, deve-se começar por aqui.

Em suma, em tudo isto se revelou a apreensão de faces do espaço rural acreano, a partir de nossas observações buscando conhecer, compreender, analisar e refletir sobre a realidade visitada e pesquisada e, assim sugerindo alternativas para o desenvolvimento local. Aqui não buscamos a “harmonia”, pois esta é um estado que não existe plenamente na reprodução socioespacial de um lugar (a realidade se processa por conflitos e superações sucessivas), mas vimos a possibilidade de viver o conflito e administrá-los, transformado-o em desafios e estes, em patamares a serem superados com conquistas gradativamente maiores. Nisto podemos contribuir com os responsáveis pela execução dos projetos das FLONAS (governo e coletividade locais).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **SNUC – Sistema nacional de unidades de conservação da natureza**. Lei nº 9.985 – 18/07/2000. Brasília: MMA/SBF, 2.000. 32p.

_____. **Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Macauã e Floresta Nacional de São Francisco – Sena Madureira, AC.** – Gerencia do Acre. Brasília: MMA/SBF; Rio Branco: IBAMA, 2.000. 11p.

CARVALHO, Horácio M. de. Padrões de sustentabilidade: uma medida para o desenvolvimento sustentável. In: D’INCAO, Maria Â., SILVEIRA, Isolda M. da. (org.) **Amazônia e a crise da modernização**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994. p.361-380.

FRAXE, Therezinha J. P. **Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretária da cultura e desporto do Governo do estado do Ceará, 2000. 192p.

KITAMURA, Paulo C. **A Amazônia e o desenvolvimento sustentável**. Brasília: EMBRAPA, 1994. p.66-81.

SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro**. 2.ed. Campinas: UNICAMP/IE., 1999. (Coleção pesquisa 1 – Edição revisada)

SILVA, José G. da, CAMPANHOLA, C., DEL GROSSI, M. E. **O fim do êxodo rural?** Campinas: UNICAMP/Projeto Rurbano, [www.eco.unicamp.br/Projeto Rurbano](http://www.eco.unicamp.br/Projeto_Rurbano), 2002.

SILVA, Miriam Aparecida B. da. et al. **Atlas escolar Municipal de Sena Madureira**. Rio Branco: PIBIC/AEMAC, 2002. 87p.

SIOLI, Harald. **Amazônia**: fundamentos da ecologia da maior região de florestas tropicais. Petrópolis: Vozes, 1985. 72p.